

**O LOCAL E O UNIVERSAL EM FLANNERY O'CONNOR:
REGIONALISMO, IDENTIDADE E DESLOCAMENTO
NOS CONTOS JUDGEMENT DAY E THE
DISPLACED PERSON**

Introdução

A escritora norte-americana Flannery O'Connor (1925-1964) foi uma das grandes personalidades do subgênero do Gótico chamado *Southern Gothic* (ou Gótico Sulista), exclusivo do sul dos Estados Unidos. Foi vencedora do prestigiado *National Book Award for Fiction*, que anualmente reconhece a excelência na produção literária de cidadãos americanos. Em sua curta carreira, foi altamente respeitada por seus pares, ambos escritores e críticos, igualmente. Em três ocasiões diferentes foi recipiente do prestigiado *O. Henry Memorial Award*; por duas vezes recebeu a bolsa *Kenyon Review*, além de ser contemplada com bolsas nacionais, com especial destaque para uma substancial quantia da *Ford Foundation* (WESTARP, 1993). Sua obra *A Good Man is Hard to Find* é um dos três contos mais antologizados da história literária de seu país - juntamente com *An Occurrence at Owl Creek Bridge*, de Ambrose Bierce, e *The Lottery*, de Shirley Jackson (HWANG, 2009). Seu romance mais célebre é *Wise Blood*, publicado em 1952. No Brasil, O'Connor é estudada principalmente em seletos cursos de graduação e de pós-graduação em Letras, embora produção crítico-científica a seu respeito seja praticamente inexistente. Além disso, não possui grande reconhecimento por parte da mídia ou de público leitor em nosso país.

O presente texto busca contribuir para o estudo e para a difusão desta importante figura do *milieu* literário internacional no mundo lusófono. Inspirado em palestras proferidas pelo professor Arnold Weinstein, do Departamento de Literatura Comparada do Brown University, este texto pretende explorar como a obra de O'Connor, por meio dos contos *Judgement Day* e *The Displaced Person*, contribui para a compreensão dos estudos de regionalismo, identidade e deslocamento nas ciências humanas em geral, e na crítica e historiografia literária em específico.

*Prof. Dr. da UFRR.

Portanto, se o objetivo é auxiliar na ação de fomentar uma reflexão que possibilite uma melhor percepção da plasticidade do conceito de *fronteira* - que neste sentido ultrapassa objetivos geopolíticos e traços cartográficos de Estados Nacionais - então ambos os contos proporcionarão rico material para uma reflexão sobre a multiplicidade das relações societárias, da diversidade de línguas, de etnias e de imaginários coletivos, sendo portanto, de grande relevância para o pensamento político, cultural, artístico, nacional e internacional, não só dos estudos de literatura, mas de uma visão interdisciplinar. Da mesma forma, se o objetivo é articular e consolidar reflexões sobre as fronteiras e sociedades de fronteiras em uma perspectiva interdisciplinar, então a análise destas estórias permitirá uma melhor compreensão da complexidade das problemáticas (inter)regionais, em especial, no tocante a temas como: deslocamentos populacionais, processos identitários e culturais, dinâmicas socioespaciais no contexto rural e urbano, e representações e imaginários coletivos. Para que isto se concretize, precisamos conhecer um pouco sobre a autora, sobre o período histórico em que viveu, e sobre o contexto artístico em que produziu.

Conhecendo a Realista Flannery O'Connor

O'Connor nasceu em 25 de março de 1925 em Savannah, GA, publicou dois romances, trinta e dois contos e uma série de resenhas e comentários literários; e morreu aos trinta e nove anos de idade em Milledgeville, GA. Certa vez descreveu a si mesma como uma “Realista das Distâncias” (WEINSTEIN, 1997), e por esta razão faz-se lógico dedicar alguma atenção, neste primeiro momento, às convenções do Realismo, não só como período artístico, mas como uma forma de produção literária, para que se possa melhor compreendê-la. Uma das notações mais óbvias sobre a proposta Realista é, naturalmente, a capacidade que os textos que se enquadram sob sua égide têm de representar o mundo conforme ele é (ou pelo menos conforme ele é visto por olhos humanos, de uma maneira geral). Neste sentido, pessoas e coisas são descritas para o leitor do texto Realista sem qualquer traço voluntário que envolva fenômenos sobrenaturais ou fantásticos. Este tipo de escrita gera um corpo de comentários sobre acontecimentos sociais, relacionamentos interpessoais e inter-classes. Um típico texto Realista carrega um respeito por ações e atividades tal qual elas acontecem na vida real, especialmente nas dimensões de tempo e espaço (e aqui entende-se tanto tempo interno quanto externo ao personagem e espaço como lugar existente no presente ou no passado - renunciando-se, portanto, estórias que tenham reviravoltas extraordinárias ou deslocamentos no tempo-espaço contínuum). Muitas vezes este tipo de texto pode até mesmo se tornar mais previsível que outros dado

seu comprometimento com a autenticidade do desenrolar das coisas, construído assim um caminho prontamente reconhecível para a percepção do leitor, e fazendo da relação causa-efeito uma ocorrência não incomum. Naturalmente, muitas outras características permeiam o empreendimento Realista, porém estes poucos detalhes devem ser suficientes para dar-se início à compreensão do rótulo que O'Connor deu a si mesma. Consonante com o exposto, o texto Realista não é provido de material suficiente para dar conta da representação de alguns fenômenos imateriais como, por exemplo, a alma humana - objeto recorrente nos textos de O'Connor.

Ao utilizar-se do código Realista, entretanto, o escritor encontra maneiras de descrever o mundo atribuindo às superfícies visíveis uma característica que aponta para o que há além, isto é, ele discute o tangível apenas aludindo ao transcendente. neste caso, o Realista faz uso de uma trama que se move através da lógica causal e em direção a uma “lógica da revelação” (WEINSTEIN, 1997). Os textos de O'Connor são repletos de epifanias, de revelações, tanto para o leitor quanto para os personagens, tornando o doméstico em extraordinário, o cotidiano em transcendente.

O que faz as obras de O'Connor tão brilhantes é o fato de esta transformação não ser aparente. É necessário olhar com cuidado, ou melhor, ler com perspicácia para compreender as sutilezas que conduzem às revelações e às epifanias proporcionadas pelos textos ficcionais da escritora. Não se trata de uma leitura fácil, por estes motivos e por outros, i. e., mesmo tratando-se de textos Realistas, a escritora não utiliza as regras do Realismo no sentido convencional, quebrando portanto com a previsibilidade supramencionada, e também com a lógica natural que se torna, muitas vezes, extraordinária. Por estes motivos, ela se auto-intitula “Realista das Distâncias”, e em suas palavras, explica que:

The fiction writer should be characterized by his kind of vision. His kind of vision is prophetic vision (...) The prophet is a realist of distances, and it is this kind of realism that goes into great novels. It is the realism which does not hesitate to distort appearances in order to show a hidden truth (O'CONNOR, 1969, p. 97-98).

O escritor de ficção deve ser caracterizado pelo seu tipo de visão. Seu tipo de visão é a visão profética (...) O profeta é um realista de distâncias, e é esse tipo de realismo que vai para grandes romances. É o realismo que não hesita em distorcer as aparências, a fim de mostrar uma verdade escondida (T. do A.)

Enquanto Realistas, no sentido tradicional da palavra, as obras de O'Connor não têm muito a oferecer. Ela escreve sobre Georgianos morimbundos, pessoas de classe média baixa, caipiras, brancos social e culturalmente pobres, negros com trabalhos manuais pesados (WEINSTEIN, 1997), compondo um sistema alimentado

por racismo calmo e complacente, reconhecido como racismo mas não censurado como tal (WOOD, 2004), que pode parecer para leitores que não são do estado da Georgia ou do Sul do Estados Unidos como grotesco e exótico (ambos termos não necessariamente em suas acepções com carga semântica positiva). por este motivo se entende porque em muitas universidades do mundo, especialmeee nas norte-americanas, as obras de O'Connor são negligenciadas (visto que as leituras contemporâneas de textos ficcionais - como os dela - estão fortemente imbuídos de compromissos ideológicos e políticos invasivos).

Em suas obras, O'Connor apresenta sua visão do que William Faulkner se referiu como o "CEP de seu solo" (in: WEINSTEIN, 1997), mais especificamente a cultura sulista de seu estado natal, a Georgia. em respectiva, nota-se que O'Connor não escreveu sobre a Georgia ou sobre o sul dos Estados Unidos mas sobre algo que acontece *através* dele, e é por isto talvez que ela tenha tido tamanho reconhecimento em seu tempo de vida de figuras proeminentes do leste americano, talvez especialmnte de Nova Iorque. não é coincidência que algumas de suas estórias mais marcantes relatem as experiências de sulistas na *big apple*, como é o caso do conto *Judgement Day*.

Uma Meditação Sobre Regionalismo, Identidade e Deslocamento I: Judgement Day

Judgement Day foi o último conto de O'Connor. Ela literalmente o escreveu pouco antes de morrer, tendo pouco tempo para revisá-lo (WATKINS, 2009). Ao mesmo tempo, marcou a culminação de uma estória que teve início em seu primeiro conto publicado, uma obra curta chamada *The Geranium*, de 1946. Depois deste, O'Connor fez outras três tentativas de reescrever a mesma história; a primeira em 1954, chamada *An Exile in the East*; mais tarde *Getting Home*, em 1964; e finalmente *Judgement Day*, finalizado no mesmo ano (DARRETTA apud LOGSDON & MEYER, 1987, SIMPSON, 2005). As quatro estórias proporcionam ao leitor de O'Connor um acompanhamento do progresso do desenvolvimento artístico da autora do início de sua vida artística até seu fim.

O conto apresenta como personagem um homem branco já em idade avançada e com a saúde debilitada que mora em Nova Iorque com sua filha. Desde o início o leitor aprende de sua vontade de retornar a seu estado natal, a Georgia. Sua vontade é tamanha que ele não se importa de chegar lá vivo ou morto. Sua vontade extrema o faz escrever um bilhete, para guardar em seu bolso e para ser achado por quem encontrá-lo morto. O bilhete dá ordens para que seu corpo seja despachada para sua cidade na Georgia aos cuidados do negro Coleman, seu funcionário e amigo de

longa data. O objetivo do protagonista, o velho Tanner, é receber o cheque de sua pensão e aproveitar um momento em que sua filha esteja ausente do apartamento para dar início a sua fuga de volta para o estado que ele considera seu lar. No meio da narrativa um vizinho se muda e um casal ocupa o apartamento ao lado. O homem do casal é um jovem negro arrogante que ignora com violência as tentativas do velho Tanner de fazer amizade com ele. Tanner busca a amizade do novo vizinho como forma de simbolicamente matar a saudade de seu amigo negro que permanece na Geórgia. Ao final do conto, depois de fazer sua filha prometer que levaria seu corpo para ser enterrado em sua terra de origem, Tanner parte para sua fatídica jornada, morrendo ao descer às escadas do prédio. A filha quando chega vê o pai morto e descumpra sua promessa e enterra em Nova Iorque. Mais tarde, sem conseguir dormir de remorso, desenterra os restos mortais do pai e os encaminha para o lugar tão desejado.

Nesta estória os negros são apresentados como iguais ou melhores que os brancos, pelo menos no sentido de o quanto entendem a vida (WATKINS, 2009). O deslocamento inicial de Tanner se dá pelo fato de sua casa na Geórgia encontrar-se, por força de circunstâncias alheias a estória, no terreno de um negro que lhe dá a opção de trabalhar para ele ou se mudar. O leitor tem acesso a esta informação através de um flashback e conclui que Tanner se recusou a trabalhar para o negro, visto que quando o conto começa ele já está no apartamento de sua filha em Nova Iorque. Sua vontade de retornar ao lar é tão grande que ele sequer se importa de volta à Geórgia vivo ou morto. O'Connor deixa isto bem claro em mais de uma ocasião durante a narrativa. Questões de identidade afloram nas relações interpessoais entre Tanner e o novo dono das terras onde sua casa se encontra, visto que o branco não aceita de maneira nenhuma trabalhar para o negro, mesmo que isto signifique fazer o maior sacrifício e, possivelmente a escolha mais difícil de sua vida, que é deixar seu lar.

Uma Meditação Sobre Regionalismo, Identidade e Deslocamento II: The Displaced Person

Deixar o lar é um tema recorrente nas obras de O'Connor. No caso de *The Displaced Person*, publicado em 1954, certamente um dos contos mais ricos e talvez mais complexos de O'Connor, vemos mais um deslocamento forçado.

A consciência central da estória é a Sra. Shortley, uma mulher de estatura considerável, metaforicamente falando, que possui uma visão de mundo muito pobre no tocante a questões raciais. Esta visão, entretanto, traz o estranhamento necessário

para que o leitor possa interpretar os eventos do conto a medida que eles são filtrados por ela. A Sra. Shortley trabalha na fazenda que pertence a Sra. McIntyre, uma viúva protestante que é a líder absoluta de seu terreno. Quando a estória começa a fazenda recebe a visita de um padre católico - que é em si uma figura estranha ao local, visto que todos são protestantes lá - e este padre traz consigo uma família de exilados - daí o título *Displaced Person* (referindo-se à pessoa deslocada, removida involuntariamente de seu local de origem). estes exilados são poloneses - os Guizacs - que vieram à America fugindo da guerra na Europa (a Segunda Guerra Mundial).

A estória é sobre muito mais do que a chegada destas pessoas estranhas que vieram para trabalhar na fazenda, é sobre as consequências disto. Inicialmente o leitor recebe as informações sobre a chegada filtradas pelos olhos e pelo preconceito da Sra. McIntyre que, provavelmente devido ao último, sequer consegue pronunciar o nome dos Guizacs adequadamente - ela os chama de Gobblehooks. Levando em consideração o fato dos deslocados não falarem a sua língua - inglês - ela constata que consequentemente eles também não devem saber o que são cores.

A visão da Sra. Shortley dá a impressão de ser um pouco mais informada, no sentido de que talvez ela entenda o porquê de eles estarem ali. Ela lembra de ter visto uma filmagem de um quarto com corpos empilhados.

No entanto, o raciocínio que ela desenvolve dissolve seu discernimento em mais preconceito, pois ela pensa que se eles, os Guizacs, vem de um lugar onde as pessoas fazem isso com eles, talvez eles também sejam capazes de fazer as mesmas atrocidades com outros.

Atualmente os Estados Unidos continuam obcecados com questões de imigração, de xenofobia, de preconceito racial, o que leva a interpretação válida de que algumas coisas ainda não evoluíram - isto não significa que avanços não tenham acontecido, no entanto, algumas coisas, importantes para o bom convívio humano e para o futuro, permanecem as mesmas que há poucas décadas atrás.

Os Guizacs são aceitos na fazenda apenas porque esta está prestes a ser perdida se a produção não aumentar - os negros que trabalham lá, segundo O'Connor, não são muito produtivos. Estes *deslocados* representam uma esperança. A fazenda não pertencia anteriormente à família da Sra. McIntyre, ela apenas casou com seu dono, o Sr. McIntyre, e se ela não conseguir fazê-la funcionar adequadamente, ela precisará partir. Os Shortleys temem os Guizacs por que se estes últimos trabalharem mais e melhor os primeiros precisarão partir. Os negros, descritos como preguiçosos, sabem que se não trabalharem mais e melhor eles também precisarão partir. E os

Guizacs sabem como operar os tratores e dominam a tecnologia de produção mais rápida e mais eficiente e portanto constituem uma ameaça.

Esta é uma estória sobre a “dança do deslocamento” (WEINSTEIN, 1997), sobre personagens que acreditam estar de certa maneira amarrados à terra em que vivem, que enxergam como permanente, natural e dada a eles por Deus e todos eles descobrirão que estes conceitos são falíveis, são ficcionais e que no final, ninguém possui raízes impossíveis de serem arrancadas. É uma estória sobre guerra - o Sr. Shortey está convencido de que os Guizac são os alemães contra quem ele lutou na guerra -, sobre xenofobia, sobre o *ethos* conservador que irá avisar àqueles que estão chegando sobre possíveis ameaças, dado que brancos e negros neste cenário Georgiano compartilham traços que os europeus não compartilham, e isto é visível em seus comportamentos e nas frases que eles usam:

Panoramicamente, é possível notar que esta é uma estória sobre a quebra de uma ordem estabelecida, sobre Georgianos tendo que mudar para se adaptar a um mundo novo; é um conto darwiniano sobre o início de um Sul novo para os Estados Unidos (WEINSTEIN, 1997). Homi Bhabha descreve este processo de quebra e reestabelecimento de nova ordem em seu seminal texto *DissemiNation*:

Gatherings of exiles and émigrés and refugees; gathering on the edge of ‘foreign’ cultures; gathering at the frontiers; gatherings in the ghettos or cafés of city centres; gathering in the half-life, half-light of foreign tongues, or in the uncanny fluency of another’s language; gathering the signs of approval and acceptance, degrees, discourses, disciplines; gathering the memories of underdevelopment, of other worlds lived retroactively; gathering the past in a ritual of revival; gathering the present. Also the gathering of people in the diaspora: indentured, migrant, interned; the gathering of incriminatory statistics, educational performance, legal statutes, immigration status (...) The gathering of clouds from which the Palestinian poet Mahmoud Darwish asks ‘where should the birds fly after the last sky?’ (BHABHA, 1994, p. 139).

Encontros de exilados e emigrados e refugiados; reunindo-se à beira de culturas “estrangeiras”; reunindo-se nas fronteiras; encontros nos guetos ou nos cafés dos centros das cidades; reunindo-se na meia-vida, meia-luz de línguas estrangeiras, ou na peculiar fluência da língua de outro; reunindo os sinais de aprovação e aceitação, graus, discursos, disciplinas; reunindo as memórias de subdesenvolvimento, de outros mundos retroativamente; reunindo o passado em um ritual de avivamento, reunindo o presente. Também a reunião de pessoas na diáspora: contratados, migrantes, internados, a reunião de estatísticas incriminatórias, o desempenho educacional, estatutos legais, status de imigração (...) A reunião de nuvens a partir das quais o poeta palestino Mahmoud Darwish pergunta “Onde os pássaros devem voar após o último céu?” (T. do A.)

Bhabha se refere à reunião destas pessoas que foram arrastadas do lugar em que sentiam que pertenciam, juntamente com seus mitos e fantasias e experiências. Para estas pessoas o termo *Displaced Person* (pessoa deslocada) foi inventado. Tornou-se a nomenclatura oficial dos refugiados, especialmente dos judeus e russos durante e após a Segunda Guerra Mundial. Muitas das pessoas liberadas dos campos de concentração nazistas decidiram não voltar para suas casas de antes da guerra por medo de retalhações, por memórias traumáticas ou pelo fato das residências terem sido destruídas durante os bombardeios na Europa. Campos para refugiados de guerra foram instituídos nos Estados Unidos entre os anos de 1945 a 1952. Registros históricos estimam que duzentos e cinquenta mil judeus refugiram-se nestes campos americanos ou em áreas urbanas designadas pelos Aliados (KIRK, 2008).

O'Connor recusou-se a vender sua obra para editoras polonesas em 1956 por medo de vê-la utilizada como propaganda política, como havia acontecido com textos de Jack London (WOOD, 2004).

Em termos da questão de identidade, é interessante notar que os personagens negros em *The Displaced Person* recebem tratamento descritivo de personalidade semelhante ao dos brancos, visto que ambos conspiram juntos para negligenciar ajuda ao europeu deslocado na ocasião do acidente que custa sua vida.

Considerações Finais

Tendo em mente o objetivo de apenas evidenciar o potencial que ambos os contos de O'Connor, *The Judgement Day* e *The Displaced Person*, têm para explorar questões de regionalismo, vemos igualmente a oportunidade que eles apresentam para aprofundar questões sobre deslocamentos populacionais, processos identitários e culturais, dinâmicas socioespaciais no contexto rural e urbano, e representações e imaginários coletivos. Ao final de ambos os contos, têm-se uma situação em que todos os personagens principais são obrigados, direta ou indiretamente, a deixar suas terras, seja por forças econômicas, culturais ou até por motivo de falecimento, porque o que O'Connor está realmente dizendo com seus textos é que, todos têm que deixar suas vidas, sejam figuras fictícias representando pessoas reais ou de fato pessoas reais, pois nem terra nem vida são dadas ao ser humano para sempre.

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi. DissemiNation: Time, narrative and the margins of the modern nation. In: *The Location of Culture*. New York: Routledge, 1994.

DARRETTA, John L. From The Geranium to Judgement Day: Retribution in the Fiction of Flannery O'Connor. In: LOGSDON, Loren & MEYER, Charles W. (eds.). *Since Flannery O'Connor: Essays on the Contemporary American Short Story*. Macomb: Western Illinois University, 1987, pp. 21-31.

HWANG, Eunju. "Writing is the way out": Shirley Jackson's domestic stories and We Have Always Lived in the Castle. *Feminist Studies in English Literature*. Vol. 17, No. 2, 2009, p. 103-104.

KIRK, Connie Ann. *Critical Companion to Flannery O'Connor: A Literary Reference to Her Life and Work*. New York: Facts on File Inc., 2008.

LOGSDON, Loren & MEYER, Charles W. (eds.). *Since Flannery O'Connor: Essays on the Contemporary American Short Story*. Macomb: Western Illinois University, 1987, pp. 21-31.

O'CONNOR, Flannery. *Mystery and Manners*. Sally and Robert Fitzgerald (eds.). New York: Farrar, Straus & Giroux, 1969.

_____. *The Complete Stories*. New York: Farrar, Strauss and Giroux, 1971.

SIMPSON, Melissa. *Flannery O'Connor, a biography*. Westport, CT: Greenwood Press, 2005.

WATKINS, Steven R. *Flannery O'Connor and Teilhard de Chardin: A Journey Together Towards Hope and Understanding About Life*. American University Studies. New York: Peter Lang Publishing Inc., 2009.

WEINSTEIN, Arnold. Lectures on Flannery O'Connor (audio). The Teaching Company, 1997. Disponível em: <http://www.teach12.com/storex/professor.aspx?id=81>. Acesso em: 4 jul 2010.

WESTARP, Karl-Heinz. *Flannery O'Connor: The Growing Craft*. A Synoptic Variorum Edition of The Geranium, An Exile in the East, Getting Home, Judgement Day. Southern Literary Series, Vol. 4. Birmingham, AL: Summa Publications Inc., 1993.

WOOD, Ralph C. *Flannery O'Connor and the Christ-Haunted South*. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2004.

